

# A presença da Marinha do Brasil em missão pioneira de manutenção de paz – a comissão especial da ONU nos Bálcãs (UNSCOB), 1948 - 1951

**Armando de Senna Bittencourt**

*Vice-Almirante (Ref<sup>o</sup>-EN) da Marinha e Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).*

## RESUMO

O Brasil participou da UNSCOB (1948-1951), missão pioneira de manutenção de paz da ONU, durante a Guerra Civil na Grécia. A Marinha foi representada pelo Capitão-Tenente John Anderson Munro, que atuou como Observador. Coube aos Observadores das Nações Unidas acompanharem as operações do Exército Nacional Grego, nas fronteiras da Grécia com a Albânia, Iugoslávia e Bulgária, países que eram acusados de apoiar ativamente o Exército Democrático da Grécia, de ideologia comunista, que tentava derrubar o governo eleito e constitucionalmente instituído no país. Esses Observadores passaram por situações difíceis e arriscadas e presenciaram episódios de barbárie, típicos de uma guerra civil de motivação ideológica.

**PALAVRAS-CHAVE:** CT Munro, ONU, Grécia

## ABSTRACT

Brazil participated in the UNSCOB (1948-1951), pioneering mission of UN peacekeeping during the Civil War in Greece. The Navy was represented by Lieutenant John Anderson Munro, who served as an Observer.

It was up to United Nations observers monitor the operations of the Greek National Army at the borders of Greece with Albania, Yugoslavia and Bulgaria, countries that were accused of actively supporting the Democratic Army of Greece, Communist ideology, which tried to overthrow the elected government and constitutionally established in the country. These observers have gone through difficult situations and risky and witnessed episodes of barbarism, typical of a civil war of ideological motivation.

**KEY-WORDS:** CT Munro, UN, Greece

## I - INTRODUÇÃO

Pouco tempo depois do término da Segunda Guerra Mundial, o Conselho de Segurança da recém-criada ONU se reuniu para analisar o conflito armado que ocorria na Grécia, onde forças de ideologia comunista tentavam derrubar o governo constitucionalmente instituído no país, por meios violentos, que incluíam guerrilha, sabotagem e assassinatos. O início desse conflito ocorreu ainda durante a ocupação do país na Segunda Guerra Mundial e ele se intensificou a partir de 1946. Os dissidentes foram derrotados em 1949 e, em 1989, uma lei foi promulgada pelo Parlamento grego, promovendo uma

reconciliação no país e reconhecendo que o que ocorreu foi, de fato, uma guerra civil. Como acontece geralmente, em guerras civis, ambas as partes cometeram barbaridades, que causaram grande sacrifício à população grega.

Havia, desde o início desse conflito, acusações de que a Albânia, a Iugoslávia e a Bulgária, então países comunistas, apoiavam os comunistas gregos: fornecendo-lhes armamento, munição e víveres; permitindo-lhes livre trânsito pela fronteira, inclusive com cobertura de fogo quando perseguidos; e franqueando-lhes seu território para finalidades táticas, treinamento e atendimento médico.

Uma comissão de investigação da ONU foi ao local da crise, no início de 1947, e recomendou a criação de uma comissão especial para verificar a veracidade dessas acusações. Consequentemente, a Assembleia Geral criou, sem o apoio da União Soviética e de seus satélites, em outubro de 1947, a UNSCOB (United Nations Special Committee on the Balkans), subordinada diretamente à ONU e composta por um Corpo de Observadores, que deveriam atuar na região do conflito, e um Corpo de Delegados, para analisar os relatórios desses observadores e apresentar à ONU conclusões e sugestões.

Os membros da UNSCOB foram os representantes de sete países, Brasil, EUA, França, China, México, Holanda e Grã-Bretanha, que se voluntariaram para participar dessa missão de paz, pioneira das Nações Unidas. Três militares das Forças Armadas brasileiras fizeram parte do grupo de 36 Observadores voluntários, desses países. Eram eles o Capitão-Tenente John Anderson Munro (Marinha), o Capitão Hervé Berlandez Pedrosa (Exército) e o Capitão-Aviador João Camarão Telles Ribeiro (Força Aérea). Como Delegados, o Brasil designou diplomatas. Inicialmente foram enviados os Ministros Vasco Leitão da Cunha e Sílvio Rangel de Castro e, depois, o serviço passou para diplomatas brasileiros que serviam em Atenas.

Coube aos Observadores atuar nas fronteiras da Grécia com a Albânia, a Iugoslávia e a Bulgária, registrando o movimento, examinando armas capturadas e interrogando prisioneiros, para avaliar as dimensões do apoio recebido dos países limítrofes pelos dissidentes. Como esses países vizinhos não permitiram que os Observadores entrassem em seus territórios, eles permaneceram o tempo todo no lado grego, acompanhando as operações do Exército Nacional Grego, muitas vezes na linha de frente, em regiões montanhosas e de difícil acesso. Eles constataram que a maioria das acusações era verdadeira. Seus relatórios também registraram histórias de barbárie e desumanidade, de ambos os beligerantes, em que não havia escrúpulos para alcançar os objetivos desejados. Provavelmente, a pior de todas foi o sequestro, pelos comunistas, de 28 mil crianças gregas, de 3 a 13 anos de idade, em 1948, chamado, pelos gregos de *paidomazoma*. Essas crianças foram separadas de seus pais – algumas, de fato, à força, como comprovado por Observadores da UNSCOB<sup>1</sup> –, retiradas da Grécia através das fronteiras desses países limítrofes e enviadas para serem educadas em países do bloco comunista europeu, de onde, a maioria somente regressou no período entre 1975 e 1990, já adulta, até porque não era fácil sair desses países durante a chamada “Guerra Fria”. Foram submetidas a ensino em línguas estrangeiras e muitas vezes passaram por dificuldades e desconfortos, além de não poderem, depois do término do conflito, regressar ao lar. Algumas faleceram no exterior. Muitas mães passaram o restante de suas vidas procurando por seus filhos. Existe relato do próprio Tenente Munro a respeito dessas crianças.

Ainda há, no entanto, controvérsia, que pode ser constatada por meio da internet (Civil War in Greece), sobre a *paidomazoma*, pelo fato de, simultaneamente ao ocorrido, a Rainha da Grécia estabeleceu campos para crianças nas Ilhas Gregas, para afastá-las do conflito. Alguns argumentam que cerca de 25 mil crianças de pais comunistas, alguns

<sup>1</sup> MUNRO, John Anderson et ali. A Crise da Grécia – 50 Anos, A presença da Marinha no Grupo de Observadores da ONU, in *Revista Marítima Brasileira*, 4º T, 1999.

ausentes da Grécia após a derrota, foram levadas para esses campos e muitas entregues, mais tarde, para adoção por famílias dos EUA. Após se tornarem adultas, várias procuraram restabelecer contato com suas origens gregas<sup>2</sup>.

Os Observadores da ONU atuaram desarmados e sem capacetes. As equipes eram, em geral, compostas por militares de diferentes nacionalidades, no mínimo dois, acompanhados por funcionário civil da ONU, intérprete e oficiais de ligação gregos. Passaram por situações de grande perigo e ocorreram atos de bravura. Como quase sempre acontece em missões de manutenção de paz internacionais, "pagou-se o preço da paz", com mortes, ferimentos e doenças; os brasileiros não sofreram infortúnios, mas dois dos Observadores estrangeiros foram mortos e vários foram feridos.

A experiência então obtida na UNSCOB serviu como base para estabelecer regras a serem obedecidas nas futuras missões da ONU.

Atualmente, por exemplo, Observadores continuam desarmados, agora usando a boina azul, como identificação; por outro lado, militares em operações com tropas atuam armados, com o capacete azul das forças mantenedoras de paz das Nações Unidas. Existem princípios básicos que devem ser obedecidos, como, entre outros, o uso da força exclusivamente em legítima defesa, a participação voluntária dos países fornecedores de pessoal e a imparcialidade dos participantes da operação.

Após 1948, mais de um milhão de militares e civis, de um total de 130 países membros da ONU, participaram de cerca de 70 operações de paz das Nações Unidas, de diferentes tipos<sup>3</sup>.

A participação do Brasil em operações de manutenção da paz das Nações Unidas é frequente e consistente, em consonância com sua política externa. A Marinha tem principalmente enviado seus Fuzileiros Navais, que têm se desempenhado com muita eficácia, o que os faz serem respeitados em

todo o mundo e reconhecidos como uma excelente tropa para missões expedicionárias. Para as Forças Armadas do País, é um importante emprego em tempo de paz. Ao demonstrarem capacidade e competência para lidar com situações difíceis, contribuem para o cumprimento de sua missão mais importante em tempo de paz: dissuadir o emprego da força contra os interesses nacionais, garantindo a manutenção da paz que é especificamente desejada pela Nação.

## II - O CONFLITO NA GRÉCIA<sup>4</sup>

Na Segunda Guerra Mundial, a Grécia foi invadida por forças de países do Eixo. A primeira ofensiva foi italiana, mas, tendo em vista o fraco desempenho demonstrado por seus aliados, que foram rechaçados pelo Exército grego, Hitler enviou tropas alemãs, que garantiram a vitória completa sobre os gregos e a ocupação do país, em abril de 1941, com a participação da Itália (no Sul da Grécia) e da Bulgária (na Trácia).

O Governo da Grécia se estabeleceu fora do país, no Egito, e a parcela de militares que conseguiu escapar se juntou aos britânicos e passou a combater no Norte da África.

Como, em geral, ocorreu nas ocupações nazistas, reações eram punidas severamente, muitas vezes com fuzilamentos. Nos casos em que não era possível identificar os autores, fuzilavam ou providenciavam o desaparecimento de pessoas inocentes da comunidade subjugada, de forma aleatória. Essa violência, relativamente comum dos governos e movimentos totalitários, em todas as partes do mundo em que existiram, obtinha a docilidade dos ocupados e, até mesmo, a cooperação da grande maioria da população contra possíveis resistências organizadas, pelo temor das represálias que certamente ocorreriam. Isto fez com que os partidos comunistas, que já possuíam uma organização clandestina, principalmente nos países em que tinham sido proscritos antes da Segunda Guerra Mundial, como a Grécia,

<sup>2</sup> Greek Civil War – Wikipédia, [www.en.wikipedia.org/wiki/Greek\\_Civil\\_War](http://www.en.wikipedia.org/wiki/Greek_Civil_War), em 23-5-09, pag. 11

<sup>3</sup> FONTOURA, Paulo Roberto Campos Tarrisse. *Brasil: 60 anos de Operações de Paz*, Rio de Janeiro, Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, Editora Serviço de Documentação da Marinha, 2009.

<sup>4</sup> Greek Civil War – Wikipédia.

fossem os únicos com condições de iniciar resistências efetivas contra as ocupações.

O Partido Comunista Grego (KKE) foi declarado ilegal no Governo do General Metaxas, no final da década de 1930. Metaxas assumira o poder por meio de um golpe de estado, em 1936, com o apoio do Rei George II, da Grécia. Logo o KKE passou a existir na clandestinidade e formou-se um grupo de resistência à ditadura, denominado EAM (*Ethnikón Apeleftherotikón Métopon* - Frente de Libertação Nacional), pluripartidário, mas, de fato, liderado por comunistas, com seu componente militar ELAS (*Ethnikós Laikós Apeleftherotikós Strátos* - Exército de Libertação do Povo Grego). Quando se iniciou a resistência ativa contra os alemães, em dezembro de 1941, principalmente com ataques a comboios de suprimentos, os comunistas eram os únicos que já contavam com uma organização centralizada, que controlava o EAM-ELAS. Tiveram o apoio, de muitos não comunistas, que pragmaticamente viam neles a resistência contra o inimigo invasor. Além disso, apareceram pequenos grupos de ladrões, que saqueavam o inimigo em benefício próprio, pelo butim, e, também, grupos de nacionalistas anticomunistas, que não possuíam inicialmente nenhuma organização semelhante à que o Partido Comunista podia prover, para prosperarem em igualdade de condições, até porque o que restara do Exército Nacional Grego estava lutando no Norte da África, com os britânicos.

Sabendo da existência da guerrilha na Grécia, o QG das Forças da Grã-Bretanha no Egito, no Cairo, enviou oficiais britânicos para organizar a reação e adestrar os guerrilheiros; também passou a enviar armamento, principalmente para o ELAS. Pouco importava, no início, desde que combatessem, sabotassem os invasores alemães e ajudassem a vencer a guerra.

O ELAS passou, desde então, a armazenar recursos militares, que capturavam dos alemães ou que recebiam dos aliados por meio dos britânicos, em esconderijos, principalmente nas montanhas do interior do país.

Em 1943, os alemães, já muito enfraquecidos na Grécia, onde se formara um gover-

no colaboracionista, com forças paramilitares, e sem a ajuda dos italianos, pois a Itália saíra da Segunda Guerra Mundial, controlavam somente as cidades e não tinham poder para entrar em diversas regiões. Sentindo-se mais forte, o ELAS iniciou ostensivamente a hostilizar os nacionalistas anticomunistas gregos e ocorreram diversos confrontos entre grupos de guerrilheiros de ideologias distintas. Em 1944, antes da ofensiva aliada, que ocorreu no final desse ano, o ELAS já ocupava quase toda a região montanhosa do Norte da Grécia. Os outros guerrilheiros dominavam apenas a região montanhosa do Épiro, no Sudoeste.

Em outubro de 1944, as tropas aliadas invadiram a Grécia. Conforme as tropas alemãs se retiravam, o ELAS ia se apossando do equipamento e armamento abandonado por eles, ocupando as aldeias e recrutando seus habitantes. Em seguida, estabeleceram-se, firmemente, na região de montanhas do Norte. Em março de 1944, o EAM havia estabelecido o PEEA (*Politiki Epitropi Ethnikis Apeleftherosis*), um governo independente, paralelo ao que existia, no exílio, no Egito. Contavam com artilharia tomada dos alemães e o apoio da Albânia, Iugoslávia e Bulgária, com que se comunicavam pela fronteira. Mais tarde, receberam o material alemão deixado nesses países, que se reequiparam com material militar soviético.

Com a liberação de Atenas, por tropas britânicas, o governo que estava exilado, liderado por George Papandreou, instalou-se, poucos dias depois, nessa capital.

No início, o KKE evitou o confronto com o Governo Papandreou. O ELAS, embora dominando quase todo o território do país, adiou o confronto, mas começou a resistir a ser desarmado e um incidente em Atenas iniciou o conflito. Seguiu-se a tentativa comunista de tomar a cidade, que foi contida com o apoio de tropas britânicas. Mais tarde, em janeiro de 1945, os britânicos aceitaram cessar fogo contra o ELAS, que, por sua vez, aceitou ser desmobilizado.

Em seguida, grupos de direita ampliaram seus ataques a comunistas, assassinando e torturando muitas pessoas. A explicação que davam era de que estavam retaliando o que haviam sofrido do ELAS.

Logo, porém, o KKE se sentiu incentivado com a escalada da “Guerra Fria”. O apoio da União Soviética, no entanto, era restrito, porque a Grécia não estava no contexto que era tolerado, pelos britânicos e americanos, como de influência soviética. Concluindo que não alcançaria o poder por meios pacíficos, o KKE boicotou as eleições gregas de março, em que foi eleito o partido monarquista, não reconheceu os resultados e reiniciou, em fevereiro de 1946, o confronto armado. Organizou, em seguida, o DSE (*Dimokratikos Stratos Elladas*, ou Exército Democrático da Grécia), que contava, no final de 1946, com 16 mil participantes, e passou-se para uma situação de guerra civil.

De seus redutos montanhosos, o DSE fazia sortidas no território grego que não ocupava e estabelecia campos minados, que causavam mortes e aleijões, indiscriminadamente. Salônica e Florina chegaram a sofrer bombardeios de artilharia. Nas aldeias, utilizavam métodos de coerção e intimidação, inclusive recorrendo a fuzilamentos. Ninguém nas aldeias ousava cooperar com o governo, com medo de represálias dos comunistas. Uma mãe, cujo nome é Eleni Gatzoyiannis, que enviou seus filhos para os Estados Unidos da América, para viver com o pai que lá residia, foi condenada a morte pelo Conselho Comunista de sua aldeia, próxima da cidade de Florina, e fuzilada<sup>5</sup>. A história foi contada pelo filho, muitos anos depois<sup>6</sup>.

O Exército Nacional Grego se mantinha na defensiva, somente iniciando sua ofensiva em meados de 1948, depois que recebeu armamento e auxílio norte-americano suficiente, inclusive o de uma Missão Militar dos Estados Unidos. No Peloponeso, logo obteve uma grande vitória sobre as forças do DSE, que estavam carentes de munição. Os combatentes do DSE foram derrotados, sendo muitos mortos em combate. Vários civis foram presos por apoiarem o DSE.

As tropas paramilitares que combatiam ao lado do Exército Nacional Grego no Peloponeso cometeram excessos, principal-

mente depois dessa vitória, aterrorizando os aldeões de povoações que cooperaram com os comunistas.

### III - A ATUAÇÃO DO CAPITÃO-TENENTE MUNRO NA ÚLTIMA FASE DA GUERRA CIVIL

Em seu relatório, transmitido ao Ministro da Marinha em 4 de março de 1951, o CT Munro participou que se apresentou na Base Geral de Observadores, em Salonika, no verão de 1948, ou seja, em meados desse ano, quando o Exército Nacional Grego desfechava uma ofensiva na região do Grammos, reduto da “Grécia Livre”. Em agosto, os combatentes do DSE se retiraram, segundo o relato do CT Munro, organizadamente para território da Albânia e, depois, voltaram para a Grécia, mais ao Norte, na região do Vitsi. O ataque a esta nova posição não logrou resultados imediatos e o Exército Nacional decidiu manter a região que já ocupava, sem avançar, até o início de nova campanha, após o inverno.

O CT Munro recebeu seu batismo de fogo quando seguia, de jipe, com outro Observador da ONU, para a frente de combate, pela primeira vez. Foi perto de Vourbiani, no leito seco do Rio Sarandoporos. A área foi bombardeada por canhões de 75mm, enquanto passavam, prosseguindo a viagem.

Coube ao CT Munro diversas missões perigosas, como utilizar postos de observação de fronteira que não eram suficientemente protegidos, como no Grammos, em agosto de 1948, durante a ofensiva do Exército Nacionalista Grego, ou caminhadas de quatro dias, através de montanhas, reconhecendo a fronteira da Grécia com a Albânia, sob chuva e granizo, em trilhas com risco de minas terrestres. Essas minas eram uma ameaça frequente, nas estradas e trilhas. Às vezes era preciso pisar no mesmo lugar no qual a mula, que ia na frente, pisara, ou passar exatamente sobre as marcas dos pneus do carro que seguia na dianteira, para evitar surpresas. O CT Munro presenciou explosões de minas, que causaram baixas, du-

<sup>5</sup> MUNRO, - idem.

<sup>6</sup> GAGE, Nicholas. *Eleni*, Ballantine Books, EUA, 1996.

rante seus deslocamentos juntamente com comboios militares do Exército Grego.

Em seu avanço o Exército Nacional Grego também cometeu seus excessos, evacuando aldeias para que o DSE não tivesse apoio e matando inimigos feridos. Os observadores da ONU estavam presentes e acompanharam, muitas vezes na linha de frente, essa fase final da Guerra Civil.

O CT Munro relatou em seu artigo na *Revista Marítima Brasileira*<sup>7</sup> que, certa vez, viu um combatente do DSE ferido, que se arrastava. Chamou soldados gregos, para que o socorressem, e presenciou, pasmo, a execução do ferido.

Quando o relatório da UNSCOB foi apresentado à Assembleia Geral da ONU, em outubro de 1948, com evidências da cumplicidade da Albânia, Iugoslávia e Bulgária com o DSE, que atuava contra o governo legalmente constituído da Grécia, encontrou forte oposição da URSS e da Iugoslávia. O relatório foi, no entanto, reconhecido pela maioria dos representantes de países, que consideraram essa cumplicidade como uma ameaça aos princípios das Nações Unidas à paz nos Bálcãs e à independência política e integridade territorial da Grécia. Entre as recomendações, desta Assembleia Geral, destaca-se o convite aos três países que apoiavam o DSE para que cessassem a colaboração e o auxílio que prestavam e para que cooperassem com a UNSCOB. Sem o apoio da URSS, que propôs a extinção da UNSCOB, a retirada da Missão Americana, a anistia geral a todos os combatentes do DSE e novas eleições na Grécia, pouco ou nada adiantaram as recomendações da ONU.

A principal causa da derrota do DSE e do KKE, no entanto, foi o rompimento das relações entre o Presidente Tito, da Iugoslávia, e a URSS e seus satélites, em junho de 1948. Tito era o principal apoio com que contava o KKE, mas, apesar disto, o partido preferiu Stalin e a URSS, demitindo de seus postos os partidários de Tito. Após um ano de desentendimentos, em junho de 1949, a fronteira da Iugoslávia fechou para o DSE, que

a partir de então dependeu principalmente da Albânia.

No início de 1949, os Observadores da ONU receberam quatro aviões de reconhecimento, que tornaram suas missões menos difíceis. Do ar, relatou o CT Munro, foi possível confirmar a entrada de comboios de carros, vindos da Albânia, em território ocupado pelos combatentes do DSE.

Em agosto de 1949, o Exército Nacional Grego lançou uma contra-ofensiva no Norte da Grécia contra o DSE, que sofreu muitas perdas e não pôde mais continuar sua guerra formal e logo a guerrilha também se tornou impraticável. Em setembro, os sobreviventes do DSE, no Grammos e Vitsi, cruzaram a fronteira com a Albânia, outros foram para a Bulgária, para não mais regressar como combatentes. Muitos se refugiaram nesses países e em outros do bloco comunista. Em outubro desse ano, terminou, portanto, a Guerra Civil na Grécia.

A UNSCOB permaneceu na Grécia, com o efetivo de Observadores reduzido, e foi substituída em 1951 pela Comissão de Observação da Paz das Nações Unidas, com sede fora do país. Suas atividades se encerraram em 1954.

#### IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se, nos relatos do brasileiro John Anderson Munro, que a opinião que ele formou, observando no local o que ocorria e entrevistando aldeões e prisioneiros, é bastante desfavorável aos comunistas gregos e seus métodos. Cabe observar que ele não omitiu barbaridades cometidas pelas duas forças que se enfrentavam.

Adaptando a frase muito conhecida do famoso almirante britânico Sir John Fisher – “All nations want peace, but they want a peace that suits them” –, que muito provavelmente resume a razão dos conflitos e guerras entre nações, pode-se também dizer que todas as ideologias desejam a forma de paz que especificamente lhes convém. Esta tem sido a causa de muitas catástrofes geradas pela presunção do ser humano de poder ser o dono da verdade.

---

<sup>7</sup> MUNRO - idem.



Equipe de Observadores do Capitão-Tenente John Munro (de chapéu escuro) acompanha do topo do monte Steno e Golio, a dois mil metros de altitude, a investida do Exército grego contra posições dos guerrilheiros no Grammos, em 1948



Capitão-Tenente John Munro, de boné no centro, observa do alto do monte Tsigla, a 1.800 metros de altitude, o assalto do Exército grego a posições inimigas na fronteira grego-búlgara em 1949

## **FONTES BIBLIOGRÁFICAS**

FONTOURA, Paulo Roberto Campos Tarrisse. *Brasil: 60 Anos de Operações de Paz*, Rio de Janeiro: Editora Serviço de Documentação da Marinha, 2009;

GAGE, Nicholas. Eleni, USA: Ballantine Books, 1996;

MUNRO, John Anderson et ali. A Crise da Grécia – 50 Anos, A Presença da Marinha do Brasil no grupo de Observadores da ONU, in *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, Editora Serviço de Documentação da Marinha, 1997.